



DONA

das *bolas*





DONA das *bolas*

MESMA AUTORA DE *SUÍTE 69*

LÁIZA DE OLIVEIRA

1ª edição

Copyright © 2022 LÁIZA DE OLIVEIRA

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Design de capa: **Láiza de Oliveira**

Revisão: **Gabriella Rezende de Brito**

Diagramação: **Láiza de Oliveira**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.
Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da
imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera
coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa
obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o
consentimento por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e
punido pelo artigo 184 do Código Penal.



música tema do conto



[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[LaizaVerso](#)

para cada mulher que, em algum momento da vida já
se imaginou sendo o recheio de um sanduíche. se
esse pensamento ainda não te visitou, saiba que é
apenas questão de tempo.

“meu fogo no rabo era grande demais, eu devia ter
algum problema.”

SS Pleasury – Kel Costa

Ella



Capítulo 1

Diego e Fred são meus amigos há mais de sete anos, e sempre que posso acompanho o trabalho deles de perto. Ao menos quando estão na capital. Observo a tela do celular enquanto aguardo para ver quem será o primeiro a aceitar essa chamada de vídeo. Temos um grupo no *Whats* desde que saímos do ensino fundamental. É a maneira que encontramos para matar a saudade, principalmente a minha. Afinal, os dois jogam no mesmo time. No entanto, isso só aconteceu meses atrás, quando Diego foi comprado por uma quantia nada exorbitante, se colocarmos o seu talento na balança.

Sei que os meninos aprontam muito quando estão de folga. E, quando digo aprontar, é porque meus amigos saem com as mesmas mulheres. Juntos. A conexão deles vai além do campo, da grama molhada. Eles conseguem destruir calcinhas em uma velocidade incrível.

Curiosa, questionei sobre como é compartilhar isso. Discretos que são, nunca falam nomes nem lugares. São homens feitos que não precisam riscar mulheres de uma suposta lista.

Confesso que já me imaginei sendo uma dessas sortudas. Deve ser incrível ser transformada no recheio de um sanduíche de Diego e Fred.

O atacante e o goleiro.

Os dois caras mais gostosos que conheço e meus amigos. Talvez seja melhor parar de pensar nessas coisas, pois não estou a fim de perder essa amizade boa só por causa de um *simples desejo devasso*.

Diego é o primeiro a atender, tirando-me desses pensamentos safados. Porém, sinto a umidade no meio das pernas ao visualizar a boca carnuda em um maxilar perfeitamente esculpido. Somos amigos, mas eu não sou de ferro. Fato.

Avalio seu torso desnudo e trincado, deitado em sua cama, mesmo sendo nove horas da noite. Amanhã é a final do campeonato mais importante do país e eles estão concentrados para derrotar o time rival.

— Oi, Benzinho — a voz grossa e rouca de Diego me faz sorrir na mesma hora. O apelido de anos, parece ainda mais sensual após imaginar safadezas com eles. — Pronta pra me ver metendo alguns gols amanhã?

Metendo.

— É o mínimo que eu espero de você, Diego. Acaba com aqueles desgraçados! — exclamo ao recordar a última derrota contra o adversário na final do ano anterior. — Esse título é nosso, tem que ser...

Fred entra na chamada, o tronco molhado é sinal de que estava no banho. Ele apoia o celular em algo e dá um passo para trás, então vejo a toalha ao redor da cintura. A terceira perna em evidência por baixo do pano. Faço o melhor tentando disfarçar para onde meus olhos se fixaram, no entanto, Diego vê, e um sorriso de lado vai crescendo.

— Chegou a gostosura que estava faltando! — Fred mexe em seus cabelos úmidos, penteando as mechas loiras para o lado.

E que gostosura.

Balanço a cabeça, na tentativa de afastar esses pensamentos e escoro meu corpo nos travesseiros, sob a avaliação atenta de Diego.

— Gente, perdi alguma coisa? — Fred olha diretamente para o amigo. Esses dois parecem conversar apenas trocando olhares.

— Não sei — cantarola o desgraçado, me assistindo com um brilho forte nas pupilas. Diego aproveita para coçar o queixo, onde mantém uma pequena barba, se é que podemos chamar dessa forma. — Perdemos alguma coisa, Benzinho? Ou... — dá de ombros, se deliciando, o que me faz mostrar o dedo do meio para ele, que ri com gosto. — Calma, Ella, é só uma brincadeirinha.

— Gente... — Fred chama, porém permaneço de olho no outro.

— Você é um safado mesmo — digo em um tom áspero, contudo, meu rosto entrega a verdade.

— A não ser que você queira brincar. Juro que não ligo pra isso. — A maneira que toca no assunto, tão despreocupado, colocando o braço tatuado atrás da cabeça, me deixa nervosa.

De uma forma boa.

— Calma ae! — Fito Fred, que me avalia com cuidado, mesmo aparecendo apenas meu rosto na tela. — É isso mesmo o que tô pensando? Benzinho, você quer brincar com a gente? — Lambe os lábios, se aproximando do celular.

— Meu deus, vocês são horríveis! — joga o aparelho em cima da cama e dou a visão do teto para esses safados.

A risada de Diego é alta enquanto Fred solta alguns palavrões.

— Benzinho, volta aqui, vai! — ignoro Fred, sentindo meu rosto quente. — Ella!

Não é a primeira vez que zoamos entre nós sobre o assunto, entretanto, diferente de antes que, mesmo com vontade, conseguia ignorar, agora sinto a resposta molhando a calcinha. Justo essa que paguei caro.

Amizade com benefícios deveria ser um crime.

Um crime que estou tentada a cometer.

— Você sabe que a gente jamais vai te desrespeitar, mas a sua cara tá entregando tudo, Ella, então só joguei a corda... — Diego deixa no ar.

— E você pegou — completa Fred, animado com a constatação. — Não me importo em pegar também, sabe?

É impossível não rir dos safados.

Enquanto Fred sempre foi o mais extrovertido e nunca namorou por mais de um ano, Diego foi traído. Para piorar? O cara com quem ela traiu

era do mesmo time. Agora aquele merdinha joga na equipe adversária, a que enfrentarão amanhã. Sobre a garota, nunca mais ouvi falar dela, o que é ótimo, porque ele sofreu muito.

Meu amigo até tinha comprado um anel e pretendia casar com a traidora.

Há males que vêm para o bem. Diego se livrou de um encosto.

— Benzinho, cadê você? — Fred cantarola, porém sinto uma nota de preocupação na voz. — Falamos muita merda, né?

— Ella! — a imposição no timbre de Diego faz meus pelos se arrepiarem. — Se você não responder, seremos obrigados a ir até o seu apartamento.

— Mas fica a quarenta minutos de onde estão — rebato, ainda sem pegar no aparelho. — E vocês precisam descansar.

— Nós vamos, mas só depois de saber que está bem, e se essa brincadeira passou dos limites...

— Seria tão ruim se a gente ficasse? — solto de uma vez antes de perder a coragem. Sei que não estão me vendo, no entanto, coloco as mãos sobre o rosto, sentindo a pele quente. — Isso atrapalharia a nossa amizade?

Um silêncio profundo se faz no quarto. É bem provável que os dois estejam trocando olhares significativos. Mais de dez segundos sem resposta, me recrimino por dentro.

— Acho que eu passei dos limites e...

— Você realmente quer isso, Ella? — Diego questiona sem nenhum resquício de brincadeira na voz. — Tem certeza?

— Precisamos saber disso, Benzinho, porque — Fred ri baixo e quase consigo visualizar sua imagem sacana na tela —, entre quatro paredes você não vai ser mais a nossa amiga.

— Vamos separar muito bem as coisas, Ella. — Diego diz quase em um sussurro. — A gente também já tinha conversado sobre você, não vou mentir, mas nunca te desrespeitaríamos.

— Você é nossa. Nossa amiga! — ainda com o rosto tampado, dou risada do que Fred falou ao tempo em que cada parte do meu corpo antecipa esse momento.

Claro, se eu topar.

— Ella, queremos te ver — sai mais como um comando do que um pedido. Diego sempre teve esse traço de dominador. Será que usa isso na cama? — Benzinho!

O que estou fazendo?

Os caras com quem venho saindo não me satisfazem do jeito que eu gostaria. Com esses dois, duvido que aconteceria o mesmo.

Respiro fundo algumas vezes e pego o celular, apontando a câmera para o meu rosto rubro. Eles, com suas pupilas dilatadas me sondam devagar. Consigo ver a protuberância ainda maior por baixo da toalha de Fred.

— Tem certeza que não vai acabar com a nossa amizade? — questiono apenas para prolongar o instante, pois já tenho a resposta e uma ideia peculiar em mente.

Diego encara meus lábios, sua face séria, o peito subindo e descendo com rapidez. Fred carrega um sorrisinho sem vergonha de quem sabe bem o que faz.

— Posso jurar, por mim, que não vai se decepcionar! — a mão de Fred para na beirada da toalha, como se estivesse com vontade de se tocar.

Olho para Diego e vejo que mudou de posição. O short branco não esconde a bendita ereção se avolumando.

Por que esses dois têm três pernas? Assim fica ainda mais difícil recusar.

Recusar não seria a palavra correta, já que dei bandeira desde o início da chamada.

— Tem a minha palavra também, Ella. — Diego, encostado na cabeceira da cama, me come com os seus olhos castanho-escuros do outro lado da tela.

Remexo no lugar ao sentir o meio das pernas molhadas em antecipação e eles notam.

— Eu aceito, mas... com uma condição — sorrio, esquecendo-me por alguns instantes o acanhamento.

— Tudo o que você quiser, Benzinho — Fred é o primeiro a concordar sem saber o que é. Sua toalha quase caindo me faz imaginar o membro rijo.

— Diga a condição, Ella — o comando na voz outra vez. Diego afasta a câmera, deixando ainda melhor a visão do seu corpo definido.

— Isso — aponto entre nós, limpando a garganta. — Esse lance só vai acontecer mesmo se o Diego fizer um gol...

— Isso é fichinha! — Fred me corta, animado. Até ouvir o restante da condição.

— E você defender um pênalti...

— Porra, Benzinho! Nem todo jogo tem penalidade máxima — Fred rebate, o rosto emburrado.

— Ele tem razão. — O amigo intervém pelo outro, coçando o queixo. — Mas poderia ser algo do tipo uma defesa que facilite a vitória? Você precisa ajudar a gente também, Ella.

— Isso! Uma grande defesa é mamão com açúcar. — Fred dá de ombros, os dois no aguardo por uma decisão.

Que loucura! Era para ser uma chamada de vídeo qualquer.

— Um gol do Diego e uma defesa sua, Fred. Se acontecer um pênalti, melhor ainda — concluo.

Outra vez a troca de olhares malditamente sexy. Cruzo as pernas, sentindo um nervosismo que me deixa a cada instante mais molhada.

Diego sorri de lado, como se carregasse a sabedoria do mundo dentro de si.

— Depois que a gente erguer a taça e comemorar com a galera vamos pro seu apartamento...

— E aí a festa de verdade vai começar. — Engulo em seco, alternando a atenção entre os dois. — Espero que tenha isolamento acústico, ou todo mundo no seu prédio vai saber o que está acontecendo.

Puta que pariu.

Não tenho, mas não ligo em fazer um pouquinho de barulho. Só um pouquinho.

— Fechado — sussurro, sem forças para elaborar algo melhor.

— Se você me dá licença, Benzinho, vou me aliviar agora — Diego incita minha imaginação, tocando o local duro. — Poderia te deixar assistir, mas quero que veja ao vivo, bem na sua cara.

— Até amanhã — Fred se aproxima para desligar a chamada, mas pausa. — Espero que o seu campo esteja disponível na frente e atrás, porque a gente pretende jogar muito, Ella.

Eles desligam, deixando-me com a calcinha molhada.

Na frente e atrás.

Ainda bem que a grama já está aparada.

O que separa esse encontro de realmente acontecer é tão simples para os dois, que já consigo imaginar minhas pernas moles.

Um gol e uma defesa.

E, no final, um delicioso sanduíche.



Capítulo 2

Entro em campo com o pé direito, tocando no gramado e fazendo uma prece, sem soltar a mão da criança que me acompanha. O vibrar de milhares de vozes no estádio, unidas em um coro de apaixonados, arrepia minha pele. Por ser a final, os ingressos foram esgotados. O peso de carregar tantos sonhos nas costas após ser eleito o melhor jogador do campeonato nunca pareceu tão grande.

A partida final é em casa, o que aumenta exponencialmente a esperança de cada torcedor presente aqui nessa tarde ensolarada.

Junto-me aos outros, formando uma linha para cantar o hino nacional. Observo as diversas crianças paradas em nossa frente, sorrindo para as câmeras. Giro o pescoço, fitando o time adversário e aquele idiota traidor faz um sinal com a mão. O formato de um chifre.

Lazarento.

Balanço a cabeça em afirmação, não dando abertura para as suas provocações que só estão começando. Com o maxilar travado, olho para a ponta direita e Fred me sonda. Nego, dando de ombros, respirando fundo e presto atenção no começo do hino nacional.

Concentrado, coloco a mão no peito, ouvindo a melodia conhecida por todos. Em silêncio. Encaro as bandeiras: dos times adversários nas laterais, enquanto a do Brasil fica no meio e acima das outras. O hino termina em uma determinada parte, entretanto, o público canta o restante à capela, e uma emoção absurda toma conta de mim.

É a última vez que verei isso em solo brasileiro. Não tenho ideia se haverá uma próxima oportunidade, afinal, ninguém, além do meu amigo Fred, do técnico e meu empresário, sabe que recebi a maior proposta da minha vida. A notícia será divulgada ainda hoje.

Serei o novo camisa 10 do Paris Saint-Germain, na França. Aqui, sou o 11 e adoro brincar com o número, dizendo que um atrás do outro é perfeito.

Não precisamos estar na Europa para sermos convocados para a seleção brasileira. No entanto, estar em evidência em um time desse porte, pode abrir muitos caminhos.

Ella não sabia, porém fiz questão de avisá-la antes de sair na mídia. Até o momento em que entrei em campo, a mensagem não fora visualizada. Espero que Benzinho não me mate. Assinei o contrato essa manhã, depois de receber a proposta irrecusável. Se a minha amiga quiser, pode morar na França também.

É o mínimo depois de tantos anos de amizade.

Uma amizade que será posta de lado por *algumas horas* enquanto Fred e eu brincamos com Ella.

Eu sabia que não demoraria até a Benzinho admitir seus desejos. Os olhos castanhos não conseguiram esconder isso depois de saber o que fazíamos em dupla. Sua curiosidade me enlouquece, confesso. E, se não houvesse um convite da parte dela, não sairia do Brasil antes de jogar as cartas na mesa. Ou melhor, botar a bola em jogo.

Agora, é dar o melhor em campo e degustar do prêmio mais tarde.

Depois de tirar a foto oficial, vou cumprimentando meus companheiros de equipe. Ao chegar na minha posição de ataque, respiro fundo, encarando a bola. A saída será dada pelo time adversário e, para deixar tudo mais quente, o maldito traidor vai dar o pontapé inicial.

O apito do juiz nos coloca em movimento. As pessoas no estádio vão à loucura, gritando e aplaudindo. Dessa forma, os minutos começam a rodar, diminuindo de uma maneira muito ágil o tempo em campo.

Como o técnico previu, sou o mais marcado, quase não conseguindo avançar com a bola no pé. O suor empapando minhas roupas, a respiração intensa e os batimentos acelerados.

— Ei, corno! — o idiota grita ao passar correndo por mim e um colega de equipe se aproxima no mesmo instante.

— Esquece esse filho da puta, Diego! — só então noto as minhas mãos fechadas em punho e a direção em que estava caminhando. Recebo um tapinha no rosto e fito meu colega. — Ignora o desgraçado, mano! Ele tá te provocando pra você perder a cabeça, mas fica na tua, porra. Diego?!

Balanço a cabeça, expulsando a neblina de raiva que se apoderava de mim. Como o meu colega falou, preciso ignorar o maldito que só quer tirar vantagem.

— Bora acabar com esses filhos da puta! — falo convicto e recebo um sorriso de satisfação do colega.

Olho para trás e Fred faz sinal de joia, depois bate palmas, gritando algo que não consigo ouvir.

Volto a correr em campo, pronto para receber um passe e desvio do zagueiro adversário, com a bola nos pés. Consigo driblar o meia, livrando-me dos dois oponentes. A multidão começa a gritar com mais fervor enquanto me aproximo do gol após pegar a velocidade ideal, deixando os outros comerem poeira.

Mastigarem grama, isso sim.

Avalio a distância e os outros zagueiros e volantes e sei que, um chute certo, pode fazer a rede adversária balançar. Respiro fundo, completamente centrado e, quando vou levantar a perna para chutar a bola, recebo um carrinho violento.

Meu corpo roda por alguns metros enquanto o estádio profere xingamentos que fariam qualquer um não acostumado a sair correndo. Toco

a coxa direita, sentindo uma físgada no local em que recebi a pancada.

Abro meus olhos e vejo o juiz dando cartão amarelo para o traidor, o que gera revolta em toda a equipe que pede o vermelho.

Por que não me surpreende ter sido atacado justamente por aquele lazarento?

Acontece tudo muito rápido: a equipe médica entra em campo e avalia a lesão, soltando o spray de gelo, amenizando de imediato a dor. Sou questionado se consigo prosseguir e afirmo, pois só saio de campo quando o meu time for campeão.

Com a ajuda de alguns colegas depois que a equipe se retira, vou para a marcação que o juiz deixou na grama. Infelizmente, o maldito traidor não foi expulso, então, darei o recado que ele tanto quer da maneira que sei fazer.

Cobrar essa falta na entrada da área.

Se ela entrar, será o meu gol de número treze cobrando esse tipo de penalidade. Farei jus ao título de maior cobrador de falta do Brasil.

Encaro o placar de 0 x 0 e fito o relógio: quarenta minutos do primeiro tempo.

Mais dois colegas se juntam a mim, formando um meio círculo em volta da bola, incentivando-me. Com as mãos na cintura, assisto o juiz formar a barreira, o maldito no meio deles.

Cravo meus olhos nos seus, enviando toda a raiva e decepção para a ponta do meu pé. Ele tem a ousadia de fazer o mesmo gesto de antes da partida.

— Vou te fazer enfiar esse chifre no meio do cu... — solto no ar.

Não avalio a posição. Não ouço mais o que meus colegas falam. Concentro-me apenas no silêncio da multidão, em expectativa; no apito do juiz e, o principal, nos olhos do traidor.

Dou dois pulinhos e corro na direção da bola, afundando meu pé no couro sintético. Assim que ela faz a curva perfeita, passando por cima da barreira, começo a correr para a lateral do campo.

O estádio chega a vibrar após a explosão com o gol feito.

Vou para a linha de fundo, perto da arquibancada. Junto com outros colegas, faço uma dancinha, imaginando um bom pagode tocando. Aproximo da câmera e, com os dedos em formato de V em cima da boca, movimento a língua.

— Ella! — grito, afinal, os repórteres vão tentar decifrar quem é *ela*.

Espero que minha amiga entenda perfeitamente o gesto. É desse jeitinho que pretendo fazer com a boceta dela mais tarde.

Olho para trás e, lá do outro lado do campo, Fred comemora, o sorriso safado nos lábios.

A minha parte na aposta está feita.

É hoje que faço a Benzinho mamar.



Capítulo 3

— Vê se agarra as bolas do mesmo jeito que sabe chupar uma boceta! —
levo um tapa na bunda quando Diego passa por mim, entrando em campo
para o segundo tempo.

— Uso a minha língua melhor do que você, caralho. — Diego apenas
ri, indo para a sua posição e faço o mesmo.

A partida está tão acirrada que não tive nenhuma grande oportunidade
de demonstrar meus talentos. Jogadas simples, chutes fracos e defesas
básicas. Se eu quiser uma oportunidade de ouro com a Benzinho, os
desgraçados do outro time precisam melhorar. E muito.

Assim que me aproximo do meu espaço sagrado, confiro a rede,
passando as pontas dos dedos na trave. Sorrio ao recordar da minha infância
e o quanto sempre fui obcecado pelo gol. Poderia tentar outras posições e
ganhar mais destaque? Porra, sim. Porém a paixão e o talento me ajudaram
a encontrar o caminho.

Amo pra caralho o que faço e não vejo a hora de erguer a taça. Não
que eu esteja cantando vitória antes do apito final. Se a equipe adversária
fizer um gol e o jogo terminar em 1 x 1, vamos direto para os pênaltis.

Nada de prorrogação.

Por mais que eu adore um desafio, não pretendo chegar até esse
limite, e o chute certo do Diego ajudou a se distanciar deles. Ainda quero
manter o nível elevado de disposição para devorar aquela coisinha linda
chamada Ella.

— Vamos ver se Benzinho sabe segurar em uma bola — alongo o
pescoço, falando sozinho, pronto para tudo. — No caso, são quatro bolas.
As minhas mais bonitas, é claro.

Cesso essa linha de pensamento no instante em que o apito do juiz ressoa em meio aos gritos do estádio.

— Porra, esse título é nosso! — grito e alguns dos colegas mais próximos assentem, batendo palmas e xingando as mães dos outros jogadores.

Coitadas, nem fizeram nada e são as mais massacradas.

Passo a maior parte do tempo incentivando minha equipe, pois os adversários não conseguem ultrapassar o centro de campo, tamanha a marcação. Principalmente em cima daquele caralho traidor.

Sei que Diego foi o traído em tudo isso, mas porra! Se pudesse, eu daria uns bons chutes nas bolas do idiota.

A última vez que ele meteu um gol em mim, foi há quase dois anos. No meu cu é que esse puto não vai enfiar bola.

— Hoje não. Nunca...

O outro atacante começa a driblar um jogador, comendo tempo enquanto avança para a área do oponente e a galera nas arquibancadas não dão mole.

— Ôôôôôôôôôlé! Ôôôôôôôôôlé!

Dou risada de onde estou, mesmo sabendo que preciso manter a concentração. Então um grito uníssono de *hullllll* se sobressai assim que um dos nossos perde um gol, a bola batendo na trave.

E é nesse instante que todo o cenário muda.

A bola rebatida pela trave é pega justamente pelo traidor, que dá um arranque em minha direção, deixando vários para trás. Diego cola nele de um lado, enquanto do outro, nosso zagueiro se aproxima com muita velocidade.

Dobro levemente os joelhos, inclinando o corpo e me preparo para a bomba.

A torcida agora grita em desespero pedindo para tirarem a bola ou pararem o cara.

Entretanto, conheço esse olhar. O desgraçado está determinado a ir até o fim e deixar seu nome na final. Assim que ele passa da linha de frente e compreendo que Diego vai tentar evitar qualquer lance que cause uma falta perigosa. No entanto, o nosso zagueiro estica a perna, dando um carrinho.

Um carrinho dentro da área do gol.

— Caralho! — grito, encarando meu colega, fazendo cara de dor, como se fosse ele o atingido.

O jogador cai, rolando no gramado e sua equipe já está na cola do juiz pedindo por expulsão e pênalti.

A movimentação em frente ao gol é intensa: equipe médica atendendo o idiota; seus companheiros gritando com o juiz; outros dos nossos se colocando na frente para ninguém partir pra cima do zaga.

Fodeu, mano.

Observo o cartão vermelho sendo erguido, o que provoca revolta em todos no estádio. Afinal, quando Diego foi atingido, o maldito só recebeu um cartão amarelo.

E por falar em Diego...

— Você dá conta, porra! — repousa as mãos em meus ombros, me balançando ao tempo em que bebo água. Meus olhos, grudados no que acontece atrás dele, vendo as cenas se desenrolarem, quase não piscam. — Fred!

Somente então observo Diego, meu amigo, grudando nossas testas.

— Você vai pegar a porra dessa bola...

— E enfiar no cu daquele desgraçado! — rosno, sentindo cada célula do meu corpo vibrar em antecipação.

— Bem que eu gostaria de ver isso — Diego ri por míseros segundos, então sua fisionomia muda. A expressão séria outra vez. — Você é o cara, ouviu? — dá batidas no meu rosto, enviando a confiança necessária. Até um sorriso malandro surgir em seus lábios. — Pega essa que a Benzinho tá esperando a gente pra se divertir.

Diego é chamado para ficar com os outros, enquanto o traidor já está com a bola na mão, sorrindo. Bebo mais água e cuspo uma parte, sem desviar a atenção do cara.

— Deixa comigo — digo de uma forma que faz Diego parecer convencido e sou deixado em meu lugar sagrado.

Vou alongando o pescoço, dando pulinhos ainda com os olhos nele. Preparando-me para esse embate.

Como antes, volto a dobrar os joelhos, inclinando minimamente o corpo, na espera.

E sei que estou pronto para a cobrança quando todos os sons ao meu redor cessam. É sempre assim em momentos decisivos. Meu cérebro parece criar um tipo de parede, deixando somente o alvo visível. Um bloqueio natural e muito bem-vindo.

Bato uma luva na outra, respirando fundo e atento ao apito do juiz.

O traidor coloca a bola na marca e se afasta alguns passos, as mãos na cintura e rosto pomposo. A imagem de quem acha que sabe o final dessa história.

Mal sabe ele que existem dois finais.

O juiz apita e o som quase se torna ensurdecedor por estar focado apenas nele.

Dois possíveis finais.

Ele começa a correr em direção a bola e dá um excelente chute.

E é o meu final que vai vencer.

De nada adianta um chute excelente se no caminho você encontrar um excelente goleiro. O melhor. Que, no caso, sou eu mesmo.

Prazer, Fred.

Os sons do estádio voltam ao meu foco assim que o pênalti é defendido, jogando a bola para longe. Caio de costas após a defesa e o gramado parece vibrar com tanta gente comemorando ao mesmo tempo. Levanto em um salto, batendo no peito, e xingando o desgraçado.

— Porraaaaaaa! Tá sentindo a bola no teu cu, filho da puta do caralho?

Sou envolvido pela equipe, me rodeando, suas vozes misturadas não ajudando em nada a identificar o que falam.

— Vai se foder! — não me contenho e xingo mais uma vez.

— Hoje a gente dorme só na hora que o galo cantar! — a voz de Diego se sobressai quando grita dentro do meu ouvido. Nos encaramos, o sorriso de orelha a orelha. A satisfação de estar fazendo um ótimo trabalho. — Quero só ver se vai segurar minha bola mais tarde...

— Que nojo! Vai se ferrar — gargalho da merda que falou.

Aos poucos e com o juiz bravo por estarmos demorando na comemoração, a equipe retorna para as posições. Analiso o telão e meros cinco minutos nos afasta do título. Sentindo o coração batendo descontrolado, vejo a galera comer o tempo e brincando com a cara deles. Os torcedores, os mais fodas que qualquer time gostaria de ter, volta a gritar *olé*.

Benzinho, que você esteja pronta, porque preciso extravasar toda essa loucura no gramado.

E na cama.

Ou no sofá, banheira, chão, mesa. Não importa.

Pode vir quente que eu como até pimenta.

Ella



Capítulo 4

Confiro a lingerie preta escolhida para essa noite, com uma renda que não esconde meus seios e sorrio diante da imagem no espelho. Estou sentindo um arrepio percorrer o corpo todo. Antecipação, talvez? Mesmo que os meninos não tivessem ganho a aposta, esse momento ainda seria meu.

Nosso.

Com a ponta do dedo, dou batidinhas nos lábios marcados por um batom vermelho sangue. Olho para a minha pele e não há vestígios do produto. De fato, assim que seca de maneira confortável, o batom não transfere. O que é ótimo para tudo o que pretendo fazer essa noite.

Posso terminar a madrugada com as pernas bambas, mas a maquiagem intacta. Como se eu fosse mesmo ficar me preocupando com isso.

Afasto-me do espelho e observo a suíte desse hotel que eles reservaram após a partida final. De acordo com a mensagem do Fred, o lugar é bem reservado, pois querem manter minha imagem protegida.

E o incrível isolamento acústico.

Gostei da ideia de preservar meu cantinho. Como o Diego mesmo disse, durante algumas horas não seremos amigos, e pretendo fazer jus a essa frase.

Caminho pela espaçosa suíte, com diversas luzes vermelhas em pontos específicos e uma gostosa trilha sonora ao fundo. Mais à frente, pois aqui não existem paredes para separar cômodos, deparo-me com a gigante banheira. Tudo grita a luxúria. E não passou despercebido o número antes de entrar: 69. Interessante.

Paro ao lado da cama e pego uma bonita embalagem, ainda com lacre, contendo lubrificante. Já fiz anal, porém, nunca com duas pessoas ao

mesmo tempo. Para tudo há uma primeira vez e sinto-me segura nas mãos dos meninos.

Não sei se toparia fazer isso se fosse com desconhecidos.

Abro a tampa depois de rasgar o plástico e o cheiro de morango impregna meu olfato. Devolvo o produto para o lugar enquanto sorrio, fitando a linda caixa com *muitas* camisinhas de sabores diferentes. Até uma em neon encontro.

— Não quero ver nenhum sabre brilhando dentro da minha vagina...
— cantarolo, quase escondendo essas. Contudo, as mantenho onde estão.

Eles que decidam quais usar.

O som de desbloqueio da porta me tira desse transe. Sem sair do lugar, giro em cima dos saltos, assistindo-os entrando. Mordo o lábio inferior enquanto confiro suas roupas. De preto da cabeça aos pés, até parecem que vieram de um evento da CBF.

— Não sabia que aderiram ao *MIB - Homens de Preto* — falo, tentando brincar para diminuir alguns tremores que sobem por minhas pernas.

Diego desce seus olhos castanho-escuros por cada centímetro do meu corpo, dois metros à frente de mim. As mãos dentro dos bolsos, aparentando estar relaxado. Em casa. Não recebo nenhum sorriso, ao contrário. No momento em que suas orbes se fixam nas minhas outra vez, as pupilas dilatadas e carregadas de desejo me fazem cruzar as pernas ainda em pé.

Fred é o oposto. O riso predatório enquanto coça o queixo, saboreando minha imagem como se eu fosse a carne mais cara do mercado. Uno as mãos na frente do corpo, sem saber o que fazer e pensando seriamente se tudo isso foi uma boa ideia. Está mais do que claro que não possuo experiência nenhuma com dois homens.

Diego é o primeiro a quebrar o silêncio, andando até mim. Com as pontas dos dedos, ele me faz elevar a cabeça, o fitando de perto. Seu perfume amadeirado é tipo um elixir da luxúria, pois assim que sinto o cheiro, tenho vontade de lambar seu pescoço. No exato local em que o espirrou.

— Relaxe, Ella. — Sua voz baixa e rouca arrepiando a minha pele. O hálito quente se tornando uma carícia. Diego, como se tivesse todo o tempo do mundo, arrasta seus dedos em minha pele exposta, resvalando a clavícula. Então envolve minha garganta em um aperto prazeroso. — Esqueceu? A partir de agora não somos mais amigos.

Só me dou conta de que Fred se moveu quando suas mãos agarram minha cintura por trás. A ereção encostada bem no meio da minha bunda. Fecho os olhos ao sentir sua língua em meu ombro, causando intensos arrepios.

— Última chance pra desistir, Ella — Fred pontua, e acabo gemendo assim que seus dentes mordem o lóbulo da minha orelha. — A decisão é sua — sussurra com a voz carregada de desejo.

Volto a abrir meus olhos, deparando-me com um Diego sério e atento, ainda me prendendo pela garganta. Atrás de mim, Fred continua saboreando minha pele com a sua língua. Descruzo as mãos e, decidida a ir até o fim dessa loucura, varro para longe o pensamento de que estou com meus amigos.

Não.

Hoje, serei o recheio perfeito desse sanduíche de Diego e Fred, dois jogadores de futebol. Os melhores da atualidade no país.

Resgato os resquícios de ousadia presentes em mim e, em um único movimento, seguro a ereção de cada um, ouvindo suspiros de Fred. Diego engole em seco, o maxilar travado.

Dois homens grandes.

Duas personalidades distintas.

Estou ciente de que serão eles a comandar essa noite e não me importo, pois quero aproveitar cada instante. Contudo, em meu interior, sei que os sortudos são eles.

Não eu.

Desço um pouco mais as mãos e os toco com mais vigor, sentindo-me a própria dona das bolas. As mais disputadas do momento.

Inclino a cabeça mais para cima, sem desviar meus olhos de Diego e sorrio.

— O que estão esperando para começar? — sussurro.

Diego, até então sério, me presenteia com o seu sorriso mais diabólico, aumentando a pressão em meu pescoço. As batidas do meu coração aceleram.

— Boa menina — ronrona perto do meu rosto.

Enfim, seus lábios encontram os meus e retribuo um dos beijos mais devassos que já tive na vida. A boca de Fred morde minha bunda, tirando-me um grito de dor e prazer ao mesmo tempo. Estou sendo devorada pelos dois, de formas diferentes. Mal começamos, entretanto, a certeza de que essa noite será esplêndida, se apossa de cada célula do meu corpo.

Se tudo isso é considerado um pecado, por que me sinto no paraíso?



Capítulo 5

Assim que passei pela porta da suíte, precisei conter a vontade insana em tomá-la para mim no minuto seguinte. Ella possui uma beleza deslumbrante de parar qualquer trânsito e uma presença forte. Vê-la nessa lingerie preta adornando suas curvas é como se eu estivesse em frente à pintura mais famosa do mundo no museu do Louvre.

Ella é uma obra de arte e farei valer a pena estarmos aqui.

Não encontro resistência ao enfiar minha língua em sua boca, duelando para ver quem está no comando, e a sinto tão molhada. Quente. Macia. Se a boceta dela for dez por cento disso, será um inferno para controlar meus impulsos. Jamais seria violento, no entanto, a delicadeza não é o meu forte na cama. Carrego a máxima de que, assim como no campo, só saio quando meto um gol ou termino a partida com as pernas bambas. Entre quatro paredes também.

E, nessa noite, pretendo fazer os dois.

Seguro com mais força o pescoço delicado quando sua mãozinha safada aperta minhas bolas. Rosno dentro da sua boca e ela abre os olhos, as pupilas dilatadas e selvagens.

— O que você quer? — questiono, afastando-me do seu rosto e vejo Fred, mais adiante, tirando a roupa.

Ella morde o lábio inferior, carregando uma centelha de timidez que faz o meu pau latejar.

— Quero os dois ao mesmo tempo — diz, respirando fundo. Suas mãos sobem e descem por meu tronco, sentindo a rigidez por baixo do terno. Com a voz manhosa, Ella alterna a atenção entre Fred e eu. — Vocês já cuidaram de mim muito bem e sempre com respeito, mas não quero nada

disso essa noite. — Se afasta apenas para ficar entre nós, dando-nos uma visão privilegiada do seu corpo. — Aguento muito mais do que imaginam.

Fred assente, o sorriso perverso desenhando a boca enquanto fica apenas com uma boxer preta. Não há necessidade de ficar confirmando se é isso mesmo o que Ella quer, a própria deixou claro. Então, em um movimento que a pega de surpresa, ergo o lindo corpo, suas pernas enlaçando minha cintura e a preno na parede mais próxima. Passeio os olhos por seu peito, parando na maldita renda preta que não esconde os seios intumescidos.

— Gosta de chocolate? — com o seu corpo preso entre a parede e eu, uso as mãos para segurar o tecido transparente e o rasgo sem cerimônias. A pele arrepiada diante do contato é perfeita. Abocanho o mamilo duro, prendendo-o com os dentes e faço pressão, ouvindo o arfar que escapa da sua boca. Fecho a mão em cima do outro, cuidando dos dois ao mesmo tempo. O sabor de sua pele me faz salivar em antecipação. Ergo os olhos, vendo-a de boca aberta, a respiração pesada. — Não vai responder?

Chupo seu seio sem desfazer nossa conexão visual. Ella segura em meus ombros, enquanto rebola do jeito que consegue nessa posição, precisando se aliviar. Arrasto meus dedos para o seu centro e o gemido alto que solta me faz mordê-la. Seus olhos lacrimejam entre dor e prazer. Puxo a calcinha para o lado e toco o clitóris encharcado, movendo a mão devagar para enlouquecê-la. Insiro um dedo na boceta quente e pronta e volto a questionar:

— Ainda não ouvi uma resposta, Doçura — decido não usar o apelido habitual para deixar óbvio o que falei antes sobre aqui não sermos amigos. Começo a penetrá-la ao incluir mais um dedo nessa brincadeira e sinto sua lubrificação escorrer. — Chocolate com pimenta, o que acha?

Ouçõ Fred se movimentando pela suíte e sei o que está fazendo. Os gemidos dela se intensificam, a caminho de se libertar ainda colada a parede. Então paro, e a risada do meu amigo ressoa em aprovação.

— Quer gozar, Ella? — Fred para ao nosso lado, beijando o braço desnudo à mostra. Ele recebe um leve balançar de cabeça. — Então você precisa ser uma boa menina. — Fred a segura pela nuca e a faz se inclinar, resvalando as bocas dos dois. Volto a mover os dedos, enquanto a outra mão segura o mamilo sensível. — Cada vez que você responder ou fazer o que mandamos, vai poder gozar.

Ella solta um grito quando Fred morde o lábio inferior, pesando na força. Novamente, dor e prazer a deixam em desespero, o corpo pedindo por mais. Dou um passo para trás, caminhando até a cama. Deito seu tronco no colchão e ajoelho-me entre suas pernas, a pele ganhando tons vermelhos ao redor do mamilo provocado.

— Última chance, Doçura — rasgo o restante da lingerie, jogando a renda para o lado e deparando-me com a boceta melada. Fred, ao ver o que nos espera, grunhe, subindo na cama. Ele deposita uma bandeja de prata contendo o doce e a especiaria vermelha. — Chocolate eu sei que sim... — meu dedo brinca com o clitóris, imaginando o sabor que logo vou provar. — Agora com a pimenta, você precisa me falar, Ella.

Seus olhos inebriados de tesão encaram a bandeja, franzindo o cenho. É óbvio que está confusa, pois o objeto estava guardado em um local que não sabia.

— Eu... eu não tenho o costume de comer... — sua voz sai baixa, quase insegura.

— Você não precisa comer a pimenta, Ella — Fred afirma, pegando o condimento e o mergulhando na calda de chocolate. Nossa convidada

assiste estupefata, enquanto Fred morde, tirando um pedaço da combinação mais quente que conhecemos. — *Você é a nossa pimenta.*

Ella arregala os olhos e me contendo para não rir da fisionomia em choque. Faço o mesmo que Fred, no entanto, ao invés de mergulhar a especiaria toda na calda, coloco apenas o início. Sob o atento olhar dela, mordo metade do condimento. Minhas papilas gustativas reconhecendo o sabor agri-doce.

Enquanto mastigo, já com o ardor da pimenta se sobressaindo, agarro as pernas dela e me curvo diante dessa obra de arte. Primeiro, sinto o cheiro da boceta de Ella me dando boas-vindas. Então, após engolir a mistura, assopro na pele sensível e vejo-a se arrepiar mais uma vez.

Com os nossos olhos conectados, envolvo seu sexo com minha boca, chupando com lentidão e ela geme. O peito subindo e descendo em uma respiração intensa. Fred faz o mesmo em seus mamilos e a vejo se segurar na roupa de cama, o corpo todo se contraindo.

De início, vou devagar, passando a língua em seus pontos sensíveis, provando, conhecendo. Fred, diferente de mim, espalha chocolate no tronco dela, e alterna entre lambe e comer a pimenta, o que parece agradar a nossa convidada. Prendo o clitóris com os dentes e chupo com mais vigor, extraindo todo o gozo que ela nos dá.

Como pensei, sua boceta é ainda mais quente, macia e molhada que a boca. Perfeita para receber meu pau até o último centímetro. A música ambiente, junto aos gemidos extasiados de Ella, torna o momento mais selvagem. Molho a ponta do meu dedo em sua lubrificação e o encaixo na sua outra entrada.

Por alguns segundos, Ella fica em silêncio, aguardando o que farei. Aos poucos, preparo o lugar para nos receber e sei que está gostando, pois geme, empurrando inconscientemente o corpo na direção do dedo. Chupo

sua boceta com mais vontade ao tempo em que insiro outro dedo, alargando-a.

Começo a penetrá-la com rapidez sem desgrudar nossos lábios e Fred tira a boxer, ajoelhando-se ao lado dela. Sem precisar dizer nada, o pau dele é envolvido pelas mãos da mulher, o masturbando com vontade. Observo seu tronco todo sujo de chocolate e chupo ainda mais forte a boceta, desejando fazer o mesmo em cada espaço da sua pele.

Seguro com mais força sua perna assim que os próprios gemidos a impedem de continuar ordenhando Fred. Falta pouco para a assistirmos gozar. O primeiro de muitos.

Incentivado por tudo o que vejo à minha frente, fodo seu cu, enquanto torno o seu sexo a minha especiaria favorita. O líquido pré-ejaculatório na cabeça do meu pau molha a boxer que uso. Preciso segurá-la no lugar assim que todo o seu corpo treme diante do orgasmo. Ella, com a cabeça jogada para trás, ainda está com uma das mãos envolta do pau de Fred.

Desço da cama, já tirando meu blazer enquanto vejo Fred colocar a camisinha, se postando no meio das pernas dela. No entanto, meu amigo também prova do delicioso sabor que a nossa convidada possui. Vou depositando cada peça de roupa na elegante poltrona, sem tirar meus olhos deles.

Ella é apenas um pontinho no meio da imensidão da cama.

Fred continua chupando, provando a Doçura, enquanto os olhinhos safados se fixam em mim, tirando a boxer preta. Masturbo meu pau, caminhando de volta para cama, ouvindo os gemidos deliciosos que solta. Tomo sua boca, devorando os lábios sacanas, sem deixar de me tocar. Repouso minha testa na sua e falo:

— Agora eu quero essa boquinha chupando o meu pau — deixo uma mordida em seu queixo antes de me afastar.

Diferente de Fred, ajoelho-me em cima dela, perto da sua cabeça e passo a ponta do meu pau em seu rosto, deixando o líquido da minha excitação espalhado na linda face. Avaliando como brilha contra a luz da suíte. Prendo seus pulsos com minha mão, elevando os braços acima da cabeça.

— Abre a boquinha... — sussurro, extasiado ao vê-la dessa forma, tão entregue. Inclino para a frente e ela vai engolindo cada centímetro após deixar um excelente espaço. — Porra, que boca gostosa, imagina a boceta...

De início, movo o corpo devagar, vendo até onde Ella consegue meter. Sinto a movimentação atrás de mim e aguardo, nossos corpos conectados.

— Agora essa bocetinha gostosa vai ser bem comida — Fred diz e Ella grita, soltando um gemido abafado com o meu pau em sua boca. — Relaxa, Doçura, que a gente vai te foder bem gostoso... — murmura e ouço suas estocadas fortes. O som dos sexos se encontrando.

Aproveito o momento de repleto êxtase de Ella e fodo sua boca ao tempo em que Fred faz o mesmo na boceta. Seguro com as duas mãos os pulsos da nossa convidada e arremato, sentindo a língua quente e molhada chupar com prazer. Ella tenta manter os olhos abertos, contudo o seu prazer aumenta a cada investida de Fred, empurrando o corpo dela para frente diante da força da sua penetração. Permaneço em cima do seu rosto, sendo engolido pela Doçura por mais alguns minutos, até que ela goza outra vez, porém Fred não para.

Saio da boca de Ella, soltando seus braços e me arrasto pela cama. Aproveito para comer mais pimenta com chocolate enquanto assisto os dois, Fred falando suas obscenidades no ouvido dela, que envolve o quadril dele com as pernas. Pego a primeira camisinha que avisto e, enquanto a coloco, termino de comer o condimento, o ardor se sobressaindo na língua.

Fred se ajoelha, fincando as mãos na cintura dela e aumenta a velocidade, fazendo com que Ella apoie as palmas na cabeceira. Olhos fechados, respiração descompassada e pele suada. Os fios de cabelos grudando no corpo.

A visão do paraíso.

Assim que começa a tocar *Unholy*, do Sam Smith com Kim Petras, sei que chegou a hora de brincar a três. A canção, de palavras baixas e melodia sensual, é perfeita para o momento. Caminho até os dois, já com a embalagem de lubrificante na mão. Fred, em um movimento rápido, os vira na cama, sem deixar de foder a boceta da nossa convidada. Dessa forma, a bunda de Ella fica à exposição para o meu bel prazer.

Subo na cama, meu pau encapado com a camisinha e toco a entrada, enlouquecido para estar ali. Fred pausa as investidas bruscas, enlaçando a cintura dela com os braços, enquanto se beijam. Abro a embalagem contendo o gel e jogo uma quantidade boa em suas nádegas. Mesmo estando totalmente molhada, e seu prazer escorrendo nas coxas, prefiro aumentar a segurança, já que não sou pequeno.

Separo sua bunda, massageando o produto na entrada apertada e insiro um dedo, mais uma vez sondando como o corpo dela recebe o toque. Um gemido arrastado ressoa na suíte no instante em que, não satisfeito, introduzo outro dedo, alargando-a. Sem perceber, Ella pede por mais ao rebolar com sofreguidão no pau de Fred e meus dedos afundam até o limite. Enquanto movo a mão, aproveito para me inclinar, cheirando sua bunda, lambendo a pele suada.

Possuo unhas curtas, mesmo assim, as uso para marcar o corpo dela em várias partes da coluna, bunda e pernas. Então deixo o som do tapa reverberar pela suíte, tirando mais um grito de Ella.

— Vamos brincar de verdade — murmuro, tirando os dedos para encaixar a cabeça do meu pau na sua bunda. Aos poucos, ele vai sumindo dentro dela e trinco os dentes quando sinto o local apertado envolver minha ereção com gosto. — Porra, Doçura... — agarro a cintura dela assim que estou completamente encaixado e observo sua pele arrepiada. Movo-me para frente e para trás, abrindo espaço e dando tempo para se acostumar com o meu tamanho. — Tão gostosa...

— Anda logo, Diego, mostra pra Doçura como a gente come um cuzinho — Ella geme manhosa, aprovando as palavras de Fred que se move, ansioso para continuar.

Envolvo o pescoço dela outra vez a trazendo para mim. Suas costas suadas tocam em meu peito, respirando pesado. Passeio a ponta da língua em seu lóbulo, começando a me movimentar, com ela presa pela garganta.

— Quer gozar mais algumas vezes, Doçura? — falo em seu ouvido, enlaçando a cintura para mantê-la no lugar. Fred toca a boceta com as pontas dos dedos e Ella treme.

— S-sim... — consigo ver seus olhos se fecharem diante do prazer e não espero por outras respostas.

Com Ella presa pelo pescoço e cintura, fodo seu rabo com vontade e Fred faz o mesmo com a boceta. Suas mãos se apoiam na barriga do meu amigo, que encara os seios da Doçura, se movendo na mesma velocidade das nossas estocadas. Mordo o ombro dela, ouvindo nossos corpos reproduzirem uma melodia sensual, os gemidos a cada instante mais altos, atravessando as gargantas.

Arrasto meus dentes em sua pele molhada, aumentando a pressão no pescoço delicado e a vejo abrir os olhos.

— Alguém já praticou *choking*¹ com você, Doçura? — nega, em um balançar rápido de cabeça. Chupo a pontinha da sua orelha antes de concluir

meu questionamento. Estou ciente de suas palavras antes de tudo começar, no entanto, isso vai além do que Ella talvez tenha imaginado. É por isso que sondo e noto que, mesmo nunca tendo feito, sabe o significado. — Quer tentar?

— Q-quero... — responde sem titubear.

Troco um olhar com Fred, o desgraçado continua com o sorriso diabólico nos lábios. Ele assente para mim e para de se mover, apenas observando-nos. Como é a primeira vez dela praticando o *choking*, preciso saber até onde posso ir sem a necessidade de uma palavra de segurança.

Minha mão envolve seu pescoço com mais firmeza e, ajoelhado atrás dela, aumento as investidas, assistindo cada gesto em seu rosto. A respiração de Ella se torna ainda mais pesada, a boca aberta e olhos fixos no teto. Vou aumentando a velocidade das estocadas junto com o aperto na garganta e sinto como o seu corpo corresponde de forma positiva.

Talvez tenhamos aqui uma submissa. Tudo indica isso.

O lacrimejar em seus olhos, somado aos tremores intensos, cada parte se colapsando, indica o seu limite chegando. Meu braço que segura em sua cintura, a envolve com mais força, sentindo os primeiros espasmos percorrerem o pequeno corpo. Sem deixar de fitá-la, avaliando sons e gestos, pressiono mais o fino pescoço, uma lágrima escorre ao tempo que as pernas tremem, recebendo um excelente orgasmo.

Solto a garganta dela assim que goza com força em cima de Fred, soltando um *squirt* na virilha dele. Meu amigo a puxa para si, passando as mãos em suas costas, com Ella ainda tremendo e gemendo. A cama molhada não nos impede de ficar aqui, aguardando a *recuperação* dela. Não desfaço a conexão dos nossos corpos e inclino-me, tirando seus cabelos úmidos da frente do rosto.

Quando me olha, Ella sorri.

— Tá tudo bem, Doçura? — Acaricio as marcas que ficaram em seu pescoço, esperando por uma confirmação oral.

— Tudo ótimo — sua voz é rouca e baixa ao confirmar.

Beijo o ombro suado antes de me afastar, saindo dela e observando como o local que eu fodi ficou. Ainda duro e nem um pouco cansado, tiro essa camisinha, indo em busca de outra para continuar a nossa noite. Enquanto troco, vejo Fred deixando-a sozinha na cama, o peito subindo e descendo, alternando a atenção entre nós, curiosa.

Se Ella souber que peguei leve na asfixia, é bem provável que fique brava.

Quem sabe em uma próxima vez eu mostre a minha amiga o que realmente gosto de fazer na cama.

O meu lado mais obscuro.

O mais estranho e, ao mesmo tempo, o *mais eu*.



Capítulo 6

Tiro a camisinha usada, ainda com o meu tronco todo molhado por conta do forte orgasmo que a convidada sentiu. Agarro seus tornozelos, a trazendo para a beirada da cama, sem encontrar resistência. Envolver meus dedos em sua nuca, inclinando-me ao mesmo tempo.

— Você é uma delícia, melhor do que chocolate com pimenta — mordo o seu lábio inferior e ganho um gemido longo e arrastado. Grudo nossas testas e aspiro o cheiro embriagante de suor e sexo. — Vou foder seu cuzinho até você gozar no meu pau, doçura.

Afasto-me o suficiente para colocar meu cacete na sua boca e ela o recebe com prazer, chupando forte. Permaneço com a mão na nuca, no entanto, é a própria quem dita o ritmo, com os olhos cravados nos meus. Sorrio diante da cena repleta de luxúria e devassidão. Diego senta-se ao lado dela na beirada da cama e, em um único gesto a coloca no colo, encaixando a cabeça na entrada quente.

— Gostosa pra caralho — grunhe no ouvido da mulher enquanto vai deslizando, sendo engolido pela boceta molhada. Ella, sem parar o boquete, se apoia em mim para receber Diego.

Tiro algumas mexas de cabelo grudadas em seu rosto e movo o quadril, sentindo meus pelos arrepiados após a língua dela envolver a glândula. A trilha sonora se junta aos sons dos nossos corpos, transformando essa suíte em um paraíso na Terra.

Um paraíso quente como o inferno.

Fito as marcas de dedos no pescoço, além de toda a sua coluna suja de chocolate e sei que estamos fazendo um trabalho digno essa noite. Fodo a boquinha da Doçura já imaginando meu cacete lá embaixo. Solto a nuca

dela, afastando-me dos dois e vou atrás de uma camisinha, sedento por mais.

Enquanto rasgo a embalagem, vejo Diego mudando a posição. Ella apoia as mãos na cama, a coluna inclinada e a bunda à mostra. Meu amigo não perde tempo e a come dessa forma, nada carinhoso. A safada, sentindo a minha observação, vira o rosto para mim, gemendo alto e alargando os lábios em um sorriso predatório.

As investidas de Diego são tão fortes, que os pés da convidada saem do chão, e ela acaba escondendo a cabeça na cama, abafando os gemidos roucos. Meu amigo enlaça a fina cintura com os dois braços, encostando o peito no tronco de Ella. Com a boca levemente aberta e uma linha de suor descendo em seu rosto, ele não diminui o ritmo. O que a faz gozar rápido.

Seu corpo treme diante dos espasmos e Diego a segura para não cair. Ella deve estar sentindo as pernas como gelatinas, pois não consegue ficar em pé. E a brincadeira está apenas na metade. Me aproximo dos dois, pegando-a para mim enquanto Diego se afasta. Volto a tirar mexas de cabelos grudados no lindo rosto.

— Tá tudo bem, Doçura? — apoio suas costas molhadas em meu peito, beijando seu ombro. Recebo um aceno de cabeça, os lábios abertos sorrindo outra vez. — Que bom, porque eu tô louco pra caralho pra foder o seu cu...

— E porque ainda não começou? — provoca. Ella vira o rosto, as pupilas dilatadas e carregadas de desejo, me deixa ainda mais duro. A mulher tem a ousadia de levantar seu braço e acariciar meu queixo, toda manhosa. — Me come, vai... mostra o que sabe fazer...

— Porra, Ella! — sem separar nossos corpos, desço minha mão entre nós e encaixo meu cacete no seu ânus. Então seguro os seus pulsos atrás das costas e fodo com vontade, tirando um grito de prazer ao ser invadida. —

Sua boceta é uma delícia, mas aqui... — rosno, aumentando o ritmo, produzindo um barulho enlouquecedor. —, aqui é a minha perdição...

Com as mãos presas nas costas, continuo fodendo, extasiado. A velocidade é tão boa que acabo dando um passo para a frente, ela colada em mim. Encaro a bunda vermelha comendo meu pau, entrando e saindo com facilidade. Como se aqui, de fato, fosse meu.

Nosso.

Mordo o lábio inferior, sentindo as paredes internas dela ordenharem com mais vigor. Seguro os pulsos apenas com uma mão, deixando a outra livre para envolver sua cintura e manter o ritmo alucinado. A Doçura está tão molhada que o seu gozo vai melando as minhas bolas, tornando a fricção entre os corpos ainda mais gostosa.

Diego se aproxima, ficando em frente a ela. Diminuo a velocidade sem nos desconectar e faço suas costas tocarem meu peito. Mordo o lóbulo da orelha de Ella, enquanto levanto sua perna direita. Meu amigo faz o mesmo com a outra, assim, nossa convidada fica suspensa no ar.

— Se segura firme que a gente vai te foder em pé... — falo em seu ouvido, lambendo a pele suada com vestígios de chocolate. Ella passa os braços ao redor dos nossos pescoços, respirando pesado e fecha os olhos no momento em que Diego a penetra, movendo levemente o quadril. Enlouquecendo-a. — Tá gostoso assim? — faço o mesmo, dando alguns segundos para que se acostume. — Vou gozar na sua bunda, espalhar a minha porra na sua pele, Doçura...

— Fred — sussurra, repousando a cabeça em meu ombro.

— E Diego vai fazer o mesmo na sua boceta...

— Vai ficar marcada por nós — Diego diz, sorrindo sacana e morde o maxilar dela. — E assim que a gente terminar...

— Você vai ter um tempo pra se recuperar — meto forte, tirando um dos safados gemidos de Ella. — Depois vamos começar tudo outra vez...

— Até a hora da reserva da suíte acabar — Diego conclui, movendo-se, dando um fim a essa conversa e indo direto ao que de fato queremos.

Ella, suspensa entre nós dois, se torna o nosso recheio favorito desse sanduíche profano e saboroso. Metendo forte e depois de tanto brincar, sei que não falta muito para gozar do jeitinho que prometi. Mordo seu ombro, enquanto invadimos suas entradas, nada carinhosos, sentindo o corpo de Doçura tremer.

Mas não paramos.

Assistir a mais um orgasmo dela é o melhor incentivo que temos. Diego toma os lábios da convidada, e permaneço com os dentes cravados em seu ombro. Nossos gemidos, os corpos se chocando, assim como as respirações intensas, se sobressaem à trilha sonora. Confesso que nem prestei atenção na playlist. Esse lance é coisa do Diego, que sempre se inspira em determinadas músicas.

Com ou sem música, eu quero mesmo é foder.

Sinto que estou próximo de gozar e fecho os olhos, sem perder o ritmo. Ouço Diego grunhindo, então os fito, enquanto meu amigo se afasta, tira a camisinha e esporra na virilha dela. Ele espalha sua porra, observando o rosto da mulher e volta a segurar no pescoço delicado. Ainda com a perna direita presa por mim, continuo comendo o seu cu.

Diego masturba a boceta sensível e, assim que Ella volta a tremer diante de outro orgasmo que a toma, chego no meu limite. Ele dá o apoio necessário para que a Doçura não caia e me afasto, livrando-me da camisinha. Um gemido satisfatório atravessa minha garganta ao tempo em que vou esporrando na bunda dela, me deliciando com a imagem.

Seu corpo repleto de marcas é deliciosamente sexy. Sensual. Selvagem.

Desfiro um tapa forte, tirando um grito dela e sorrio.

— Vamos tomar um banho e comer alguma coisa — digo, espalhando a minha porra, depois dando mais um tapa. A bunda vermelha de Ella começa a me deixar excitado outra vez. — Doçura precisa ser bem alimentada — pontuo, afastando-me dos dois, em direção à banheira. — Porque ainda quero comer muita pimenta essa madrugada!

Ouçó Diego rindo, enquanto pega a mulher no colo.

Paro em frente ao espelho e avalio meu corpo, sorrindo de lado. A noite é uma criança e Ella ainda vai mamar bastante por algumas horas.

Se existe uma forma melhor de comemorar um título, desconheço.

Ella



Bônus

Ella

Sete meses depois...

Escolho a mesa que fica ao lado da janela de vidro, dando-me uma excelente vista da avenida. É a primeira vez que venho *nesta* cafeteria. Afinal, como a *BoCoffee* se tornou uma grande rede, estou tentando conhecer cada uma logo após a inauguração. Além do magnífico ambiente e o famoso café trufado com morango, adoro poder apreciar a bebida enquanto leio um bom livro.

À moda antiga, sempre que alguém entra, um sino toca. Olho para a entrada e vejo os donos, de mãos dadas, se aproximarem do balcão. O homem conheço de vista, mas Joana, sua mulher, já me atendeu diversas vezes. Simpática e muito prestativa, merece todo o sucesso da cafeteria.

Mudo a atenção assim que o meu telefone toca, indicando a ligação em nosso velho grupo no *Whats*. Nada mudou entre a gente, o que me faz sorrir ao pensar nisso. Ao contrário, parece que criamos um tipo de laço ainda mais forte. Vai entender... eu mesma desisti de tentar.

— Oie — Repouso o aparelho na mesa e uso fones de ouvidos, não confiando nas safadezas que podem soltar. Encaro Diego, todo coberto com roupas pesadas para encarar o inverno da Europa.

— Benzinho... — essa voz grossa é uma perdição. Meu amigo boceja, lembrando-me da diferença em nosso fuso horário. E, nem por isso, eles ficam sem me ligar. — Porra, que saudade desse calor! — aponta com o queixo em minha direção.

De regata e com meus cabelos em um coque no alto da cabeça, faço inveja.

— Aqui tá mais quente que o inferno, se quer saber — compartilho, segurando o microfone perto da boca. — Eu trocaria de lugar com você por algumas semanas. O calor me deixa irritada.

— Você fala assim porque não precisa treinar e jogar quando tá fazendo menos dois graus. — Diego passa a ponta da língua no lábio inferior e, sem querer, acompanho o gesto. — Saudade de outras coisas também...

— Chegou a alegria de todos! — Fred aparece, também todo encapotado de roupas.

Depois da nossa noite meses atrás, meu amigo recebeu a melhor proposta da carreira. No entanto, diferente de Diego que já foi para o novo time compondo a escalação principal, meu goleiro favorito é o reserva.

Goleiro reserva do Liverpool.

Não duvido que, em breve, vai conquistar a posição que realmente merece. Acabo sorrindo ainda mais para eles ao pensar nisso.

— Estou muito feliz pelos dois, e isso é só o começo. Quem sabe daqui alguns anos vocês estarão na seleção brasileira? Jogando na copa do mundo?

— É a meta, Benzinho, vou trabalhar muito pra ser convocado. — Fred, de touca preta, caminha por um espaçoso corredor. Provavelmente está nas instalações do estádio. Da nova casa, como costuma falar.

Um na Inglaterra, o outro na França. O troca-troca deles precisou ser cancelado por motivos óbvios e sinto um certo orgulho em saber que fui a última.

— Fred tá apaixonadinho — Diego solta a bomba de repente, me pegando de surpresa. Alterno a atenção entre os dois, de boca aberta, enquanto o atacante ri, sem se importar com o outro. — Mas isso não é tudo...

— Vai tomar no cu, seu idiota! — Fred fecha a cara, mostrando o dedo do meio.

— Como assim ele tá apaixonado e isso não é tudo? — preciso me conter para não gritar em meio a cafeteria. Movo-me na cadeira, pegando o celular para vê-los mais de perto.

— Ele tentou fazer gracinha e levou um belo de um chute nas bolas — Diego gargalha, adorando provocar o amigo.

— Meu Deus, Fred! O que você falou pra ter as bolas amassadas? — Ainda em choque, aguardo.

Fred para de andar, revirando os olhos e dá de ombros.

— Eu achei que tava chamando ela pra sair, mas me confundi com o idioma...

— Ele chamou a moça de puta, ou algo do tipo, não lembro! — Diego o corta, revelando a verdade. Sua imagem treme de tanto que o safado ri. — Fred saiu com as bolas roxas e agora a moça não quer ver ele nem pintado de ouro.

— Você apaixonado — cubro a boca com a mão livre, sentindo uma alegria indescritível. — Precisa arrumar essa bagunça com ela agora mesmo!

— Vão se ferrar, nem ligo pra essa inglesinha gostosa... porra! Eu odeio vocês! — exclama, voltando a andar.

— Mais uma vez: você vai arrumar essa bagunça, porque tá na cara que a moça mexeu com a sua cabeça. — Diego assente do outro lado, ainda rindo. — Pra você ficar assim é porque ela vale a pena, Fred.

Ele se mantém em silêncio, como se estivesse pensando com cautela no que falei. Viro a tela do aparelho para baixo assim que o pedido feito antes de me sentar, chega.

— Obrigada — falo para o atendente e mexo o líquido com o canudo vermelho. Café gelado se tornou um vício. Retorno a câmara para mim, enquanto sorvo uma boa quantidade. — E você, Diego, nenhuma francesa na cola?

Sua fisionomia começa a mudar e noto um certo incômodo em meu amigo.

— Aquela traidora foi atrás dele! — Fred fofoca e quase o xingo por estar enchendo o saco de Diego. Entretanto, o atacante trava o maxilar, desviando os olhos da gente. — Isso você não conta, né, lazarento?

Silêncio.

Ignoro meu café e o observo com mais cuidado.

— Quando foi isso, Diego? — Fred entra em uma sala e deparo-me com uma academia. Diego encara o além. — Vocês voltaram?

Foi doloroso demais vê-lo sofrer por aquela idiota na época. Ele demorou bastante até conseguir parar de se rastejar pela traidora. Pensando nisso, sei que o cenário não é nada bom.

— Diego... — Tento outra vez, com a voz mansa.

— Não aconteceu nada e nem vai acontecer, tá bom pra vocês? — A irritação presente em sua voz não consegue esconder seus sentimentos. Enfim ele nos olha, a fisionomia o oposto de minutos antes. — Eu sei me cuidar. Ela não tem mais vez aqui — bate no peito.

Suas palavras não me convencem. Nem ao Fred, ao que parece. Contudo, decido não falar mais sobre isso por hora. Só espero que o meu amigo não volte a sofrer por alguém que não merece o cara incrível que é.

— E você, Benzinho, pegando geral? — Fred muda o rumo da conversa e o agradeço internamente.

Bebo meu café gelado, fingindo esquecer o tópico Diego e a traidora.

— Pegando geral, não, mas estou com alguns planos em mente — sussurro no microfone, o que faz os dois me encararem com expectativa. — Mas dessa vez não posso contar.

Ouço xingamentos que me tiram boas gargalhadas.

Todo mundo guarda segredos, até mesmo dos seus melhores amigos.

Diego e Fred não precisam saber que vou começar a trabalhar em um local, digamos, devasso. Depois da incrível noite com eles, meses atrás, fiquei com vontade de conhecer outras coisas. Saber mais sobre esse mundo da luxúria. Então o destino me fez conhecer uma mulher chamada Patrícia, dona do clube mais requisitado do momento. A mesma dona da suíte 69.

Meus amigos não sabem, mas eles estão falando com a nova stripper da Babilônia; o clube secreto mais imoral e impuro do país.

Como consegui entrar? Bem, a história é longa. Quem sabe em uma próxima eu conte, ou melhor, mostre como é a Babilônia por dentro. Cada metro quadrado daquele paraíso.

Meu novo lugar favorito no mundo.

Pois é, nunca imaginei que o profano se tornaria a minha perdição.



Agradecimentos

Obrigada a você que chegou até aqui!

Este conto é apenas a ponta do iceberg que pretendo trazer ano que vem. A Babilônia vai pegar fogo e te convido a marcar presença no clube mais disputado do país.

Obrigada minhas amigas e betas por toda a ajuda: Hellen, Larissa, Gabriela e Camila.

Obrigada minha revisora do coração: Gabriella.

Amo vocês.



Sobre a Autora

Láiza de Oliveira, é Técnica em Marketing, Informática para Internet e, recentemente, finalizou o curso de Preparação de Texto.

Nasceu em Barra Bonita, interior de São Paulo. Atualmente, mora em Jaú.

Começou a ler e cheirar livros aos oito anos. A biblioteca sempre foi seu lugar de refúgio, onde permanecia por horas a fio tentando encontrar alguma relíquia. Somente em 2012 começou a adquirir livros. Seu sonho? Montar uma biblioteca particular.

Viciada em livros e séries dramáticas, se apaixonou e entrou de cabeça na leitura de *High Fantasy*. Sabaa Tahir é sua grande inspiração, junto de George Orwell. Sarah J. Mass foi incluída na sua lista de autores favoritos junto de Juliana Daglio, Anne Marck, Taylor Jenkins Reid e Tahereh Mafi.

Ela jura que está tentando melhorar e responder as mensagens dos amigos em tempo record, não duas semanas depois - como tem feito - já que costuma se esquecer. Meros detalhes.

No meu mundinho da escrita você vai encontrar: drama; sick-lit; distopia, mundo pós-apocalíptico, ficção científica e erótico.

O multiverso é real.



LAIZA VERSO



LaizaVerso

Segue a ordem cronológica do Hortifruti:

Suíte 69

Meu ex-Acompanhante de Luxo

Minha Adorável Diaba

Contrato com um ex-Cafajeste

conheça todas as obras da autora!

[CLIQUE AQUI](#)

